

disparos são articulados pelos indivíduos na construção de suas identidades

Leonel Beto e Z Ganhão são os informantes privilegiados da pesquisa empreendida. Pertencendo ao mesmo estrato social e ao mesmo grupo etário estão ligados por relações de amizade em que o conflito não está ausente. Contudo, o material rico para entender a heterogeneidade com que a masculinidade ganha concretude são as diferenças entre elas identificadas. Como a maioria dos homens em Pardais, eles preenchem grande parte de suas conversas falando sobre mulheres. Leonel introspectivo e racional e o solteirão De botas de cowboy de biqueira afiada blusão e calças de ganga, colar e pins de bandas de rock na lapela, cultiva elementos performativos que interpreta como próprios do conquistador solitário. Beto e casado, extrovertido e sentimental, não perde uma oportunidade de contar suas proezas sexuais de difícil crédito e de descrever seus desejos e vontades predatórias. Z Ganhão equilibrado e afetuoso, divorciado da mulher que fugiu com outro homem, foi capaz de manter, apesar disso, sua honra intacta na aldeia.

E com elas que os espaços privilegiados da homosocialidade são percorridos pelo autor.

As descrições das hierarquias criadas no trabalho nas pedreiras da forma como os cafés (casas dos homens) são ocupados, das saídas da aldeia para bailes festas e bailes das brincadeiras com os touros, deixam patentes as maneiras pelas quais laços sociais e afetivos exclusivamente masculinos são criados. São espaços discursivos e performativos da moral sexual ambivalente em que regras de uma étiqueta são elaboradas em torno do tema da masculinidade.

masculinidades que se afirmam mais pela sexualidade do que pela violência ou a força física

Só o próprio das masculinidades e a exclusão de todo um campo emotivo considerado feminino, a poesia popular e o reduto masculino para a expressão de sentimentos distanciados o momento por excelência em que a transgressão é valorizada. Através dela, emoções consideradas femininas são expressas pelos homens e para os homens. A análise empreendida das textos poéticos locais e do contexto em que se dá a recepção por parte dos homens dos sentimentos não masculinos que eles expressam permite desvendar um conjunto de emoções reprimidas em outros contextos que mostram em que medida os homens tidos como agentes da dominação masculina poderiam bem ser delas vítimas privilegiadas.

Trata-se portanto de um trabalho afinal com o momento experimental e reflexivo do projeto antropológico contemporâneo, mas que soube combinar novos desafios com a riqueza das descrições própria das etnografias mais tradicionais. Um trabalho em que a crítica cultural não é uma promessa não cumprida ou que se reduz a considerações vagas sobre a dominação colonial ou autonômia que o pesquisador exerce sobre o pesquisado.

Uma análise em que o engajamento político e a indignação se combinam com o rigor na descrição das formas específicas que a opressão assume e por isso permite vislumbrar transformações sociais em curso e a importância do trabalho antropológico em seus direcionamentos possíveis.

GUITA GRIN DEBERT

A insatisfação com o destino da mulher

Clarice: Uma vida que se conta

GOTLIB, Nadia Battella

São Paulo: Editora Ática, 1995. 493 p.

Numa edição luxuosa de fotos documentais e imagens, em alguns casos inéditas, a professora Nadia Battella Gotlib apresenta uma análise empolgante e informativa da vida e da

obra de Clarice Lispector contribuição para os estudos lispectorianos que preenche uma grande lacuna. Desde logo se evidencia a quantidade de material pesquisado e compilado na preparação deste volume significativo em que pela primeira vez se apresenta um estudo abrangente sobre a escritora e sua obra. Esta abrangência é importante porque a maioria dos estudos sobre Clarice Lispector tem se dirigido a certos aspectos da sua obra ou da vida sem tentar manifestar a globalidade que Nadia

Gotlib articula no seu livro, *Clarice. Uma vida que se conta ganha relevo* também por ser a primeira biografia literária de Clarice Lispector, uma interpretação que responde, sem colher em hermetismo inacessível, aos interesses de acadêmicos e do grande público.

Escrito num estilo lúcido, ao alcance de uma audiência familiarizada com a obra da famosa escritora, o estudo justapõe a trajetória de vida ao desenvolvimento da narrativa lispectoriana, oferecendo à postura da própria autora perante o fenômeno ser/escrever enquanto faces da mesma moeda. Evocada no título do estudo, esta orientação concebida por Nádia Gotlib é feita porque sublinha o papel profundo da escrita na vida da autora e, ao mesmo tempo, demonstra como as singularidades de uma vida podem servir de inspiração, não necessariamente autobiográfica mas sim biograficamente ficcional, onde a invenção retrata as vicissitudes de mulheres em estado de procura. Nesta linha, a biografia acompanha o desenvolvimento da ficção de CL, ilustrando não sómente o processo singular da sua escrita, mas, sobretudo, atestando a busca de uma voz que pudesse comunicar a sua sensibilidade e percepção.

Esta procura evoca a busca feminista no sentido da mulher forjar a sua própria aventura, o seu caminho, através do contar da sua "história". Segundo a feminista Carol P. Christ, a necessidade das mulheres contarem as suas histórias é capital porque estas histórias podem dar forma a uma vida, com o resultado da mulher conseguir uma visão mais livre e independente da sua existência. Para exemplificar a sua tese, Carol P. Christ alude à personagem de Doris Lessing, Martha Quest, que pela ficção examina as vidas de mulheres conhecidas com o propósito de procurar nelas a individualidade. Desta forma, a construção biográfica estabelecida por Nádia Gotlib indiretamente sugere esta procura feminista em que Clarice conta as histórias e biografias desconhecidas das suas personagens, revelando as contradições entre sonho e realidade, a interior individual e o exterior social, as sensações e as obrigações. Sem seguir uma linha explícita ou teoricamente feminista, Nádia Gotlib demonstra como a procura estética e literariamente espiritual da parte de Clarice revela a sua insatisfação com a destino convencional da mulher na sociedade. Um dos exemplos usados para ilustrar esta insatisfação é o famoso trecho do primeiro romance onde a personagem Joana não aceita o happy-ending tendário - "Ser feliz é para conseguir quê?" Assim Nádia Gotlib descreve como

a construção da biografia da personagem Joana é "enfocada sempre a partir de uma procura de verdade interior, ou seja, de uma identidade de 'mulher' e de 'ser' na sua complexidade - como ser humano, vestido com as capas da civilização e deles despidos, como ser animal, livre e selvagem" (167). Concordamos com esta posição porque ela confirma uma "poética do narrar" (169) da parte da personagem e da autora, ambas questionando a conceito tradicional da representação. Este desafio à representatividade manifestado em toda a obra lispectoriana está intimamente ligado ao fenômeno da criação artística já aparente no primeiro romance onde, segundo Nádia Gotlib, se vê "o pendor para a criatividade, na teoria e na prática, que a narradora, às vezes tão colada à personagem Joana - até que ponto é própria Clarice?" (169).

Um paralelo entre personagem e autora é tradicionalmente desprezado porque sugere uma leitura autobiográfico e uma intenção literária difíceis de provar, mas Nádia Gotlib traça esta linha de pensamento por existirem crônicas que afirmam a posição estética da autora perante o processo da criatividade, tema significativo confirmado por muitas das suas narradoras/artistas. Citando a notória crônica "Personas" de 2 de março de 1968, publicada no *Jornal do Brasil*, Nádia Gotlib assinala como o fascínio pela máscara da parte de Clarice Lispector faz parte da sua arte literária: "A forte consciência da vida como representação - no escolher e vestir a máscara, ajustadamente a ponto de ser ('a pessoa é') - define o percurso do imaginário de Clarice: escolher o que quer ser, e ser este outro, em estado de liberdade, com a 'horável liberdade de não ser'" (124). Ao longo da biografia encontramos momentos em que este paralelo às vezes é exagerado, mas a maioria das instâncias a aproximação entre autora e obra se justifica porque se evidenciam preocupações semelhantes com o dilema de "ser e não ser" expressa na vida e na obra. Segundo vários depoimentos registrados na biografia, Clarice vivia este drama: "De fato, Clarice tinha uma 'compulsão para se aprofundar na angústia', observa o diplomata Lauro Escarel. 'Mas cultivava essa angústia, dramatizava', complementa Sara Escarel. Assim, vida e representação se embaralham e se misturam" (53). A mistura e a abordagem ontológicas e literárias que percorrem a escrita lispectoriana traduzem a sua procura social e literária que a teoria feminista atesta como primordial para mapear a subjetividade feminina. Notamos até

que ponto esta biografia segue uma linha ontológica e literária com a finalidade de perfilar quanto a busca socialarma a procura espiritual/literária de Clarice. Além das crônicas a biografia se apropria com agilidade de depoimentos de parentes e conhecidos e também da correspondência de Clarice para averiguar como vida e obra se respondem e muitas vezes se espelham.

O desafio social e literário assumido por Clarice é amplamente registrado na sua correspondência sobretudo nas cartas às suas irmãs quando estava residindo na Europa com o marido e tentando cumprir as obrigações de mulher de um diplomata. Graças às suas múltiplas viagens e estagiários fora do Brasil Clarice registra nas cartas às vezes com muitas contradições as suas reações a uma vida cheia de protocolo. A biografia tece adequadamente o fio entre viver e escrever utilizando a correspondência para reconstruir as frustrações e inspirações de Clarice no estrangeiro como se este viver fora prejudicasse o seu modo de pertencer em vários sentidos geográfico, social, literária e psicologicamente. Talvez seja por isso que a biografia tenha optado por uma estrutura baseada nas viagens de Clarice e montada sobre a rubrica de itinerários assim assinalando a complexidade e a profundidade do seu compromisso com o país e a realidade social brasileira explicitamente abordadas numa crônica significativa intitulada *Pertencer*. Aliás sua situação como brasileira naturalizada apresentava toda uma problemática sobre pertencer e não pertencer que se relaciona bem com o tratamento delineado por Nada Gottib no qual a própria etnia judaica de Clarice exerce um papel essencial. Ao colocar em cena a formação étnica de Clarice a biografia faz num assunto que a maior parte da crítica ispectoriana tem evitado.

Ao começar pela emigração de seus pais

Da Rússia ao Recife a biografia traça o mistério em volta desta experiência e capta quanto é impossível representar todos os por menores de uma fase de vida perdida entre documentos inexistentes e memórias incertas. Todo o mistério dos primeiros anos de vida repetidamente aludidos por Clarice e evocado pela biografa sugere a traumática dificuldade de sobreviver a um deslocamento familiar e nacional ofuscado em grande parte pelo drama da própria história mundial. Neste sentido a escrita ispectoriana discursa indiretamente sobre como o deslocar se provoca crises de identidade social e individual. Pela primeira vez esta fase da vida da família é inspecionada e retratada

da de uma maneira coerente dentro dos limites da documentação disponível e dos poucos depoimentos ainda possíveis. Por isso esta biografia representa uma contribuição de alto calibre seja na compilação de dados históricos seja na interpretação destes dados e dos textos.

Ao revisitar a presença de Clarice na Europa e nos Estados Unidos, bem como as viagens pelo Brasil antes da sua fixação definitiva no Rio de Janeiro a biografia estrutura a formação de uma voz literária que sobreviveu a muitas tragédias pessoais e muitos estados de pressão. Em termos da vida íntima e conjugal de Clarice a biografia se dirige à questão da sua separação e divórcio com sua adscrição, oferecendo algumas pistas sobre esta experiência sem chegar a nenhuma conclusão. Nesta linha inclui trechos de uma carta de seu marido nunca antes publicada que alude a algumas das dificuldades vividas pelo casal. Na sua visão são panorâmica e detalhada da vida e da obra de Clarice documentada por depoimentos, entrevistas, correspondência e crônicas. Nada Gottib também consegue oferecer ao leitor uma interpretação equilibrada e honesta da personalidade da autora. Assim a biografia desmistifica muitos mitos sobre Clarice revelando uma mulher que apesar dos seus momentos solitários e de seu temperamento imprevisto desfrutava de relações pessoais e familiares. Como o seu retrato literário e histórico a biografia reconstrói a subjetividade de Clarice marcando várias dimensões de sua vida como mãe, escritora, irmã, jornalista, esposa, amiga, brasileira e sobretudo uma mulher a procura de um modo livre e independente de existir como indivíduo. Desta forma a biografia faz ponte entre esta subjetividade e o tema da subjetividade feminina desenvolvida ao longo das suas narrativas.

A originalidade desta biografia assenta-se na análise da prosa ispectoriana interpretada com esmero. Nela estão presentes todas as obras principais romances, novelas, coleções de contos e muitas crônicas. No contexto da crítica literária vários temas são desenvolvidos como a questão primordial entre ser/escrever e o desafio do não convencional. De todas as leituras das obras intercaladas cronologicamente entre as descrições dos itinerários de Clarice sobressaem as interpretações de *Laços de Família*, *Água Viva* e *A Hora da Estrela*. Estas leituras oferecem insights originais e para ilustrar esta contribuição citam trechos chaves de duas leituras para exemplificar as questões essenciais tratadas e sublinhadas por Nada Gottib as de *Água Viva* e de *A Hora da Estrela*.

A narradora/artista anônima de *Água Viva*, através de sua narrativa não-linear, desafia a representatividade tradicional que o biógrafo e crítica Gotlib descreve desta forma: "A opção pela 'destituição' do convencional na arte implica o estar também à margem da classificação de gêneros narrativos: 'Inútil querer me classificar; eu simplesmente escapulo não deixando, gênero não me pega mais'" (411). Na nossa opinião o desafio à rigidez dos gêneros anuncia uma das grandes contribuições da obra lispectoriana, sugerida aqui. E em *A Hora da Estrela*, uma novela de vários registros - social, folhetim e metalingüístico - que sofisticadamente se conta a si mesma" (469) - verifica-se a volta ao assunto da criação artística, desta vez pela via da alteridade: "criar é matar-se como sujeito, ou seja, é dar voz ao outro, que se faz com autonomia, já como sujeito da sua própria história" (470). Neste sentido, relembramos a busca feminista e a importância que a literatura pode exercer na formação de uma identidade.

O componente de crítica literária entremetido ao longo da biografia também dedica muita atenção às várias linguagens lispectorianas, dando relevo ao emprego do lírico na maioria das obras, uma direção já evidente no primeiro romance: "O tipo de linguagem que a autora adota surge apenas como uma tentativa de adequação das meios à matéria narrada, ou seja, a lógica não consegue bem representar os sentidos, as emoções, o inconsciente e o indefinido da personagem. Daí a opção pelo lírico, tralhando a afirmação da natureza racional da prosa" (184). Tendo declarado aqui o lado poético da escritura lispectoriana, Nádia Gotlib também comenta noutro momento sobre uma

linguagem mais linear manifestada em *A Via Crucis do Corpo*, que introduz uma Clarice maisousada, enfrentando assuntos tabus como sexualidade e violência.

Em termos de documentação bibliográfica, esta biografia, na seu impulso de agradar a um grande público, frustra o especialista que nem sempre encontra uma correlação entre citação e texto, normalmente detalhada em notas de pé de página ou no fim do capítulo. Forçado a adivinhar ou procurar as possíveis fontes registradas na bibliografia ou nas poucas notas bibliográficas do fim do livro, o especialista não consegue facilmente usar a obra como texto referencial. Devido à vasta pesquisa feita por Nádia Gotlib, este estudo mereceria também servir como recurso biográfico e bibliográfico. No entanto, e apesar da decisão de se optar por um formato menos acadêmico, esta biografia atinge um nível de sofisticação no seu conteúdo, sobretudo na leitura dos textos.

No seu conjunto, o trabalho de Nádia Gotlib representa uma valiosa contribuição para os estudos sobre Clarice Lispector porque oferece um rico painel de informação recathido num só volume que ao mesmo tempo reflete perspicácia e abrangência. O enfoque sobre a "política do narrar" enriquece a análise da vida e da obra de Clarice Lispector porque responde ao cerne de uma escritura que manifestou a importância da expressão literária para a vida, como a narradora de *Água Viva* dramaticamente declara: "O que estou te escrevendo não é para se ler - é para se ser".

NELSON H. VIEIRA ■